

**REVISTA O BUSCADOR**  
**REVISTA DE CIÊNCIA MAÇÔNICA**  
**LOJA MAÇÔNICA DE ESTUDOS E PESQUISAS RENASCENÇA Nº 1**

**O SIMBOLO PERDIDO**

Ailton Elisiário de Sousa \*

**SUMÁRIO**

Este trabalho tem por objetivo examinar dentro da obra ficcional “O Símbolo Perdido”, de Dan Brown, a veracidade ou não de práticas rituais representadas por símbolos maçônicos contidos na estória, num exercício de confirmação ou negação da realidade e desfazendo imagens negativas produzidas sobre a Ordem por desconhecimento da natureza e origem dos símbolos ou mesmo por predisposições contrárias à Instituição.

Palavras Chave: Símbolo. Realidade. Ficção.

**ABSTRACT**

The objective of this paper is to examine within the work fiction “The Lost Symbol”, Dan Brown, the veracity of practices rituals represented by masonic symbols contained in the story, an exercise of confirmation or denial of reality and undoing negative images produced on the order by ignorance of the nature and origin of symbols or even by bias against the Institution.

Key Words: Symbol. Reality. Fiction.

**INTRODUÇÃO**

O escritor Dan Brown tornou-se “best seller” no mundo dos livros, quando escreveu O Código da Vinci, a obra “mega seller” que já vendeu mais de 80 milhões de exemplares em todo o mundo. Antes já havia escrito Anjos e Demônios, Fortaleza Digital e Ponto de Impacto.

O Código da Vinci trata de uma sinistra conspiração destinada a revelar um segredo protegido desde os tempos de Jesus Cristo pela fraternidade o Priorado de Sião: o significado do Santo Graal. A ficção, que envolve a Igreja Católica e a Opus Dei, tem como personagem central o simbologista Robert Langdon a quem cabe desvendar uma mensagem cifrada deixada pelo curador do Museu do Louvre, líder do Priorado assassinado dentro do museu. A trama se desenrola no Vaticano.

Em O Símbolo Perdido, Robert Langdon vê-se levado a descobrir um tesouro maçônico, capaz de dar extraordinários poderes a quem seja seu detentor. Mal’akh, o sequestrador de Solomon, Grão Mestre do Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito da Jurisdição Sul dos Estados Unidos, que entregara a Langdon um mapa secreto que dá o lugar aonde se encontra a Palavra Perdida transmitida aos maçons, exige deste esta informação sob a ameaça de morte ao Grão Mestre, de quem já havia decepada a sua mão direita, identificada pelo anel maçônico do grau 33.

A ficção envolve a Ordem Maçônica e se desenvolve em Washington, pelos monumentos principais da cidade, isto é, o Capitólio, a Casa do Templo, o Monumento a Washington e outros, construídos sob inspiração maçônica. Não é sem propósitos a teoria de que a capital americana foi projetada pelos fundadores da cidade, quase todos eles maçons, obedecendo a esquemas de arquitetura maçônicos, que lembram as construções do antigo Egito, da Grécia e de Roma, eivados de um simbolismo cósmico e de profundo esoterismo.

Meu propósito neste trabalho é o de examinar dentro da obra ficcional de Brown, o que há de aplicação de símbolos maçônicos, comentá-los apontando suas autenticidades, num exercício de confirmação ou negação da realidade e desfazendo imagens negativas produzidas sobre a Ordem por desconhecimento da natureza e origem dos símbolos ou mesmo por predisposições contrárias à Instituição.

Tomo como base das análises a edição em brochura de 2009 da Editora Sextante. As páginas das citações da sua tradução brasileira as indico entre parênteses. Vejamos, pois, embora em sua não totalidade, o que há de maçônico em O Símbolo Perdido.

**A HISTÓRIA DO ROMANCE**

*O segredo é saber como morrer.*

Esta é a frase com que se inicia o romance de Don Brown. Mal’akh, o iniciando está defronte a um

\* O autor é Ex-Venerável Mestre da Loja Maçônica de Estudos e Pesquisas Renascença nº 1, Ex-Venerável Mestre da Loja Simbólica Regeneração Campinense nº 2 e Grande Orador da Grande Loja Maçônica do Estado da Paraíba. Membro da Academia Paraibana de Letras Maçônicas e Presidente da Academia DeMolay de Letras da Paraíba e da Academia de Letras de Campina Grande. É professor universitário, formado em Economia, Direito e Teologia e com grau de Mestre em Economia.

grupo de pessoas influentes, num local mortuário da Casa do Templo, segurando um crânio com vinho, prestes a fazer um juramento que o unirá para sempre àquele grupo seletivo da irmandade.

O grupo é presidido pelo Venerável Mestre Supremo que, como os demais, acredita na sinceridade de coração do iniciando. *“Você declara seriamente, pela sua honra, sem influência de motivações mercenárias ou quaisquer outras considerações indignas, candidatar-se de forma livre e espontânea aos mistérios e privilégios desta irmandade?”* é a pergunta que lhe faz o Venerável Mestre (Pag. 12). Este, porém, tendo respondido sim, o fazia mentindo. *Então que isso seja um estímulo à sua consciência – alertara o mestre – bem como a morte instantânea caso algum dia você venha a trair os segredos que lhe serão revelados.* (Pag. 13).

Mal’akh já havia recebido os graus anteriores e prestado os juramentos respectivos. Relembrava as fórmulas punitivas deles: *“garganta cortada de orelha a orelha... língua arrancada pela raiz... entranhas removidas e queimadas... espalhadas aos quatro ventos... coração retirado do peito e jogado aos animais selvagens...”* (Pag. 13). Seu desejo era alcançar o último grau e tornar-se extremamente poderoso, conhecendo O Símbolo Perdido ou a Palavra Perdida que sabia achar-se ali, na Francomaçonnaria. Mas, seu propósito era outro, escondido de todos queria tornar-se liberto da mortalidade: *“eles jamais saberão meu verdadeiro motivo para estar aqui”* (Pag. 13).

A busca pela Palavra Perdida conduz Mal’akh a raptar, torturar e mutilar Peter Solomon, Venerável Mestre e seu pai. Atrai Robert Langdon, simbologista de fama mundial, para Washington com o objetivo de encontrar uma Pirâmide Maçônica e decifrar os Mistérios nela contidos, especialmente a Palavra Perdida que lhe permitirá alcançar a apoteose, ou seja, deificar-se. Com seu corpo totalmente tatuado com símbolos místicos, restava-lhe apenas no cimo da cabeça um local aonde seria tatuada a Palavra Perdida, quando se transformaria pela morte ritual num imortal, o ritual do seu sacrifício protagonizado por seu pai Peter Solomon, com a face de Akedah no altar da Sala do Templo. Mas, tudo dera errado. - *A Palavra Perdida... não é o circunponto? – A verdade – disse Peter – é que todos conhecem a Palavra Perdida... mas pouco sabem reconhecê-la. As palavras ecoaram na mente de Mal’akh.* (Pag. 440).

Quando Mal’akh está deitado no altar onde pronunciou seu falso juramento como maçom, descobre no momento de sua morte que a Palavra lhe dada é tão falsa quanto sua caminhada em direção à luz maçônica, sentindo-se jogado num vazio eterno de escuridão e terror.

## SÍMBOLOS EM COMENTO

A partir de agora comento os poucos símbolos maçônicos que permitiram tornar emocionante a trama maçônica revelada e que foram fundamentais para o romance.

## O Vinho e a Caveira



- *Que este vinho que agora bebo se transforme em veneno mortal para mim... caso algum dia eu descumpra meu juramento de forma consciente ou voluntária.*

*Suas palavras ecoaram no espaço vazio. Então o silêncio foi total. Firmando as mãos, o iniciado levou o crânio à boca e sentiu os lábios tocarem o osso seco. Fechou os olhos e o inclinou, bebendo o vinho em goles demorados, generosos. Depois de sorver tudo até a última gota, abaixou o crânio.* (Pag. 13).

### (COMENTÁRIO)

Como parte de sua iniciação ao Grau 33, para selar seu juramento Mal’akh bebe vinho num crânio humano. Tal cena é inverídica como parte do ritual de investidura a este grau. Esta nunca foi a prática dentro do Rito Escocês Antigo e Aceito. Na verdade, toma-se vinho num cálice, não num crânio. A fórmula no Ritual de Soberano Grande Inspetor Geral, Grau 33 (1989: 42) é: *“Bebei, pois, do conteúdo deste cálice. - Que o seu conteúdo seja para mim fatal, como a Sócrates a cicuta, se eu procurar salvar minha vida à custa da honra e da integridade e com desprezo de minhas obrigações”.*

No ritual de aprendiz há o rito da taça sagrada, pelo qual uma bebida doce depositada numa taça se transforma numa bebida amarga. Tecnicamente, a água açucarada contida na taça recebe tintura de quássia para mudar-lhe o sabor. Diz o Ritual de Aprendiz (1928: 37), dirigindo-se o Venerável Mestre ao profano, após este ter consentido em que a doçura da bebida seja convertida em amargor e seu efeito salutar lhe seja como um sutil veneno: *“Bebestes da Taça Sagrada da boa ou má sorte, que é a Taça da Vida Humana. Consentimos que provásseis a doçura da bebida e, ao mesmo tempo, fostes levado a esgotar o amargo de suas fezes. Isso vos lembrará que o maçom deve gozar os prazeres da vida com moderação, não fazendo ostentação do bem que goza, desde que vá ofender ao infortúnio”.*

Charlier (1964: 135) diz que *“o simbolismo da Taça Sagrada é ligado ao Santo Graal, isto é, ao vaso de que se serviu o Cristo ao celebrar a última Ceia, e no qual José de Arimatéia recolheu o precioso sangue que jorrava das feridas do Divino Crucificado. (...) É símbolo de transição entre o mundo profano e o das realidades transcendentais. É a Amrêta ou Somâ da Índia; o Haoma*

da Pérsia; a Ambrosia ou Nectar dos Gregos; o Oinos ou Vinho que se encontra nos Gregos e nos Cristãos”.

Trata-se esta cerimônia de uma libação, que é o derramamento de água, vinho, sangue ou outros líquidos como ritual religioso, em honra a um deus ou divindade. Esta prática é antiga, já se vendo antes da lei de Moisés: “Então, Jacó, erigiu uma coluna de pedra no lugar onde Deus falara com ele; e derramou sobre ela uma libação e lhe deitou óleo” (Gn 35, 13). Tal prática tornou-se lei (Ex 37.16, Lv 23.18) e era comum entre povos de diversas localidades da antiga Roma e Grécia. O apóstolo Paulo sentiu que estava para derramar seu sangue pelo testemunho que deu de Cristo como uma libação diante do altar: “Quanto a mim, já fui oferecido em libação, e chego o tempo de minha partida” (2Tm 4, 6).

A caveira é símbolo da morte em vida que deve sofrer o iniciado. Nos mistérios antigos o neófito ficava três dias e meio num sarcófago, rodeado pelos mestres, sendo depois ressuscitado ou exaltado. Só passando por esse mistério é que o neófito poderia decifrar o mistério da morte e da ressurreição, para poder responder às perguntas: que é a vida? que é a morte?.

Embora Dan Brown tenha dito que a cerimônia da bebida do vinho num crânio seja real, ele pode ter se baseado num passado longínquo para criar uma ficção no presente. Talvez tenha se reportado ao budismo tibetano que tem como ritual sagrado o ato de beber vinho em uma “kapala”, que é um cálice sagrado esculpido a partir de um crânio humano. Para o budismo tibetano, beber vinho desse modo remete à transcendência da vida humana.

## O Circumponto



*O circumponto – disse Langdon –, como já sabemos, tem muitos significados, e um dos mais esotéricos é a rosa, símbolo alquímico da perfeição. Mas, quando você põe uma rosa no centro de uma cruz, cria um símbolo totalmente diferente: a rosa-cruz. (...) A rosa-cruz – explicou Langdon – é um símbolo comum na Francomaçoneria. Na verdade, um dos graus do Rito Escocês se chama “Cavaleiro Rosa-cruz”, em homenagem aos antigos rosa-cruzes, que contribuíram para a filosofia mística maçônica. (Pag. 313).*

### (COMENTÁRIO)

Na Maçonaria o Círculo é a figura geométrica que representa o Cosmos. O Círculo com o Ponto no centro é o símbolo de Deus e sua criação. O Ponto simboliza a Unidade Eterna, o Princípio de que todas as coisas emanam e o Círculo simboliza o Universo, a realidade sensível que emana do centro. Assim, Deus, que é o Princípio Único das coisas produz o Universo, ou seja, a circunferência com um ponto. O profeta Isaias usou o

círculo para simbolizar o mundo quando afirmou: “Ele está entronizado sobre o círculo da terra” (Is 40, 22).

O ponto dentro de um círculo é o centro, o ponto a partir do qual todas as partes da circunferência são equidistantes; é o ponto a partir do qual um mestre maçom não pode errar. Se imaginarmos o ponto no centro como o maçom e o mundo como a circunferência, então todos estão equidistantes dele, podendo esta imagem ser interpretada como uma lição maçônica de igualdade entre os homens no mundo.

Por mais que se queira apontar que o circumponto é a representação dos órgãos reprodutores humanos, segundo Schnoebelen (1995: 147), o símbolo possui significado religioso, é emblema da Divindade. Em todos os lugares do mundo, nas praças das cidades, há sempre monumentos, obeliscos, erguidos ocupando o centro de uma área circular. E nem por isso se os têm como representativos dos órgãos sexuais humanos.

A Cabala ensina que o nome divino AHeLeH, que significa “Sou o que sou”, é às vezes representado pela letra Iod, que neste caso significa o Eu Supremo e Absoluto. A letra Iod é a décima letra do alfabeto hebraico e designa igualmente o número 10. Lorenz (1946: 41) diz que “o algarismo 1 representa o Princípio Único, o Ser; o zero nada vale por si mesmo, é o Nada relativo (pois o Nada absoluto não existe), o Não-Ser, o qual, antepondo-se à unidade (01), não tem valor; colocado, porém, na ordem inferior, contribui para a elevação do todo (de 1 forma-se 10). Assim, Deus, que é o Princípio Único das coisas (1), produz o Universo (10) do relativo Nada (0). Geometricamente, representa-se 1 por um ponto e o zero por uma circunferência: o ponto central simboliza Deus, a Unidade Eterna, o princípio de que todas as coisas emanam; a circunferência designa o Universo, a realidade sensível, que emana do centro. O símbolo inteiro é, pois, o símbolo de Deus e sua Criação”.

Carr (2007: 273) dá outros entendimentos, dentre eles este: “O ponto – sem comprimento ou largura – implica a insignificância do homem e a sua dependência em relação ao próximo. O círculo é, de fato, símbolo da perfeição, um atributo divino; sem início ou fim, ele representa o infinito e a eternidade. Quando juntamos essas duas idéias, a impotência do homem em relação ao Infinito, ou Eterno, nos aproximamos de um tema religioso, a relação do homem com Deus, e tocamos um mistério tão obscuro, ou problemas tão difíceis de responder com lógica comum, que encontramos refúgio ou compreensão na fé”.

Desde os tempos antigos têm sido atribuídas qualidades místicas aos obeliscos e às pirâmides. “A pirâmide representa essencialmente a iluminação. É um símbolo arquitetônico emblemático da capacidade dos homens antigos de se libertarem do plano terrestre e ascenderem rumo ao céu, ao sol dourado e, por fim, à fonte suprema da iluminação. (...) A estrutura por meio da qual o homem ascende ao reino dos deuses” (Pag. 136), responde Langdon a pergunta lhe feita por Sato o que simboliza a pirâmide.

Langdon fala de “*uma pirâmide oculta, criada para proteger os Antigos Mistérios até o momento em que toda a humanidade estivesse pronta para lidar com o assombroso poder que esse conhecimento era capaz de conferir*”, mas ressalva que “*isso tudo é um mito*” (Pag. 138).

O Monumento Maçônico erigido pelos maçons em homenagem a George Washington é representativo do círculo com um ponto, como todos os monumentos erguidos com tais características em todos os lugares. Medindo 169 metros de altura sobre uma base de 16,9 metros, visto de cima todo o complexo é um circumponto. Tem o formato egípcio clássico, com quatro lados culminados com uma pirâmide no alto.

A base piramidal de 16 metros contém 13 camadas de mármore, representativas das 13 colônias americanas originais. Essa pirâmide é encimada por outra que dá sustentação a uma terceira, que forma a ponta superior do obelisco. Esta ponta é de alumínio e serve de para-raios. Tem gravação em seus quatro lados, estando inscrita na do lado leste a expressão latina “*Laus Deo*” (Deus seja louvado). Os demais lados inscrevem datas e nomes de indivíduos importantes.

## O Sacrifício Ritual



*Mal'akh tinha gastado uma fortuna para localizar e obter aquele artefato. Conhecida como faca de Akedah, a arma havia sido forjada 3 mil anos atrás com pedaços de um meteorito de ferro que caíra na Terra. “Ferro do céu, como a chamavam os primeiros místicos”. Acreditava-se que fosse a mesma faca usada por Abraão na Akedah, o quase sacrifício de seu filho Isaac no monte Moriá descrito no Gênesis. A espantosa história daquela faca incluía a passagem pelas mãos de papas, místicos nazistas, alquimistas europeus e colecionadores particulares.*

*Eles a protegeram e admiraram, pensou Mal'akh, mas ninguém se atreveu a liberar seu poder usando-a para seu verdadeiro propósito. Naquela noite, a faca de Akedah cumpriria seu destino.*

*No ritual maçônico, a Akedah sempre fora sagrada. No primeiro de todos os graus, os maçons celebravam “o mais augusto presente já oferecido a Deus... a submissão de Abraão ao Ser Supremo ao ofertar Isaac, seu primogênito...” (Pag. 427).*

## (COMENTÁRIO)

A história bíblica do sacrifício de Isaac por Abraão (Gn 22, 1-19), chamada de a *akedah* em hebraico, não integra os rituais do Rito Escocês Antigo e Aceito. Na estória de Don Brown, a libertação da alma que está presa ao corpo é a transformação esperada por Mal'akh como oferta de si próprio pelas mãos de seu pai Peter Solomon. A Maçonaria não ensina isto. O próprio Brown afirma: - *O segredo é saber como morrer – prosseguiu Mal'akh. Os maçons entendem isso. – Ele apontou para o altar. – Vocês reverenciam os antigos princípios, mas, apesar disso, são covardes. Entendem o poder do sacrifício, mas mantêm uma distância segura da morte, encenando seus assassinatos de mentira e seus rituais sem sangue. Hoje à noite, este altar simbólico irá testemunhar seu verdadeiro poder... e seu verdadeiro objetivo.* (Pag. 428).

Mal'akh é um suposto nome derivado do hebraico e significa anjo ou mensageiro. Mas essa figura é um anjo caído, como um mortal que o vira antes soltara um grito de medo: “*Meu Deus, você é um demônio*” (Pag. 21). Seu corpo era raspado e liso, os pés tatuado com as garras de um gavião, as pernas desenhadas com as colunas Boaz e Jachin do Templo de Salomão, a virilha e o abdômen eram um arco dourado, o peito exibia o brasão da fênix de duas cabeças, o resto do corpo tomado por uma tapeçaria de símbolos e marcas, e o cocoruto da cabeça mostrava um pequeno círculo de pele sem tatuagem, delimitada por um ouroboros, como a proteger o lugar sagrado onde seria inscrita a Palavra Perdida.

Tinha vários nomes: Zachary Solomon, seu nome verdadeiro; Christopher Abbadon, Anthony Jelbart, Andros Dareios. Mata sua avó, é preso por ter uma vida corrupta, destrói o trabalho de sua irmã Katherine, tortura e prende seu pai tramando extrair-lhe o segredo, mas mergulha na escuridão posto que era esse o seu papel: “*eu cheguei para ofuscar a luz*” (Pag. 60).

Peter é a figura de Abraão, pronto para sacrificar seu filho Mal'akh, que está sem sua mão direita que havia sido decepada por este. Sofre indignidades mentais e físicas praticadas por Mal'akh, porém, como Abraão, é poupado de sacrificar seu filho com a faca de Akedah. Ele não morrerá pela mão de seu pai, todavia será sacrificado no altar da Casa do Templo. Na Sala do Templo, delineado em um círculo, como o círculo nu sobre sua cabeça, ele forma um circumponto humano, simbolizando o único Deus.

É preciso morrer para ser capaz de renascer. Isto significa total entrega a Deus, da forma como fez Abraão. Há um *midrash* medieval, ou seja, um comentário rabínico da Torah, que sugere que Abraão realmente matou Isaac, tendo este ressuscitado. Mas a interpretação moderna não se inclina nessa direção nem a Maçonaria disto se ocupa. O pacto entre Deus e Abraão, a promessa do pai em relação ao filho é distorcida na mente malévola de Mal'akh.

## A Câmara de Reflexão



*Chama-se Câmara de Reflexões. Essas salas são lugares frios e austeros onde um Maçom pode refletir sobre a própria mortalidade. Ao meditar sobre o caráter inevitável da morte, um Maçom adquire uma valiosa compreensão sobre a natureza efêmera da vida. (Pag. 162).*

*Os símbolos da morte inspiram os Maçons a refletir sobre a melhor forma de conduzir suas vidas na Terra. (Pag. 162).*

*Às vezes, os Maçons montam estas câmaras em seus escritórios ou em casa, como espaços de meditação. (Pag. 163).*

### (COMENTÁRIO)

A Câmara de Reflexão é um lugar secreto e fúnebre pelo qual todo candidato à iniciação obrigatoriamente deve passar. Nela estão contidos símbolos relacionados com a morte. Sozinho, isolado do mundo, rodeado de objetos mortuários, o candidato é conduzido a meditar sobre a transitoriedade da vida material e na gravidade da vida espiritual e das responsabilidades que almeja encetar na Maçonaria.

Ela é também chamada de Câmara de Preparação, pois se destina a preparar o candidato para deixar a vida mundana e abraçar a vida maçônica. Para tanto, ele precisa estar preparado psicologicamente para entender a efemeridade e a fragilidade da vida humana, a inutilidade dos fanatismos doentios e preconceitos vulgares, a inocuidade das vaidades e ambições inglórias deste mundo. Assim preparado, ele deve escrever e assinar o seu testamento filosófico, nomeando-se o seu próprio executor. Por este testamento ele disporá sobre os seus deveres para com Deus, a Humanidade, a Pátria, a Família e para Consigo mesmo.

Os emblemas funerários que lhe servem de reflexão são o galo, a ampulheta, a ossada, a caveira, a foice, o sal, o enxofre, o pão, a água e o lema Vigilância e Perseverança.

Os antigos supunham que o galo nada temia, nem mesmo o leão. Diz Kreuzer, que “o galo faz sempre pensar em São Pedro e na penitência. Em segundo lugar, lembra as assembleias dos primeiros cristãos reunindo-se ao primeiro canto do galo. Em terceiro, recomenda a vigilância aos leigos”. Ainda hoje se vê a figura de um galo de metal dominando a cruz do campanário das igrejas. Na Maçonaria o galo representa a vigilância e valentia que deve ter o maçom no desempenho de suas obrigações. Ele anuncia também a luz maçônica que o candidato vai receber.

A ampulheta indica que o tempo não espera e sendo os dias da vida limitados, devem ser bem aproveitados moralmente. A ossada, a caveira e a foice lembram a igualdade de todos. O poeta Coelho Neto disse que ouviu de uma caveira: “eu já fui o que tu és e tu serás

o que eu sou”. Estes são emblemas usados pelos trapistas, isto é, pelos religiosos da Ordem de Trapa e simbolizam a morte do profano que vai renascer para a vida espiritual.

*- E este cheiro? – acrescentou, franzindo o nariz. – O que é? – Enxofre – respondeu Langdon logo atrás deles. – Deve haver dois pratinhos em cima da mesa. O da direita deve conter sal. E o outro, enxofre. (pag. 157).*

Sal e enxofre são “princípios” herméticos. O sal simboliza sabedoria e ciência, o enxofre espírito. Significando o sal ponderação e o enxofre ardor, esses elementos mostram que o entusiasmo não deve ser renunciado, mas apenas moderado.

Pão e água simbolizam os alimentos do espírito e do corpo, espiritual e material, necessários para o homem. A água é vista como elemento nutritivo necessário à vida e o pão o alimento espiritual. Segundo as Escrituras, o profeta Elias tendo adormecido sob uma árvore, recebeu pão e água do Anjo, depois do que subiu o Monte Oreb reconfortado e fortificado. Maçonicamente, eles são os emblemas da simplicidade que deve governar a vida do futuro iniciado.

A bandeirola Vigilância e Perseverança pode ser traduzida por Vigiar Severamente. Ela demonstra ao futuro maçom que ele deverá estar atento e perscrutar os diversos sentidos oferecidos pelos símbolos. A paciente perseverança o levará a conhecer toda a simbologia maçônica.

*- Estranha escolha de palavras – disse Sato enquanto a luz da vela formava uma assustadora silhueta em forma de caveira por cima das letras. Ela se perguntava por que alguém escreveria “vitriol”, vitriolo em inglês, quando a palavra mais comum era “ácido sulfúrico” (pag. 165);*

*- Na verdade, isso é um acrônimo – disse Langdon. Está escrito na parede do fundo da maioria das salas iguais a esta. É a abreviação do mantra maçônico de meditação: Visita interiora terræ, rectificando inventes occultum lapidem” (pag. 165).*

A palavra “vitriol” nada tem a ver com a palavra “vitriolo”, que designa certos sulfatos como o ácido sulfúrico. Ela é formada pelas iniciais das palavras daquela frase latina: **V**isita **I**nteriora **T**erræ, **R**ectificando **I**nventes **O**ccultum **L**apidem. Às vezes a palavra é escrita VITRIOLUM, traduzindo-se as duas últimas letras por “Verum Medicinam”, ou seja, “Verdadeira Medicina”. VITRIOL era a divisa dos antigos rosacruzistas.

Esta frase traduz-se por: Visita o Interior da Terra, e, Retificando, encontrarás a Pedra Oculta. Em outros termos, a frase é um convite à busca mística do Eu no silêncio da meditação. O homem deve interiorizar-se num processo de profunda introspecção para ir em busca da Verdade. Como afirma Outeiro (2010:85), “é o ‘conhece-te a ti mesmo’ do pórtico de Platão, e pedra filosófica dos conceitos de Santo Agostinho, como único meio direto e individual para poder chegar a conhecer o Grande Mistério que nos circunda e envolve nosso próprio ser”.

Durante a iniciação o candidato passa pelas provas dos quatro elementos: terra, ar, água e fogo. A Câmara de Reflexão constitui a prova da terra. Como diz o Ritual de Aprendiz (1928: 32): “Já passastes pela primeira prova – a da Terra – pois é isso o que representa o compartimento em que estivesdes encerrado e em que fizestes as vossas últimas disposições”. Remete o candidato aos mistérios das iniciações antigas, aos mistérios de Elêusis, nos quais o iniciado era representado como a semente do grão de trigo que, lançado à terra morre para germinar a planta.

O Ritual de Aprendiz (1928: 34) diz ao profano: “Vós estáveis na escuridão e no silêncio, como um encarcerado numa masmorra, e cercado de emblemas da mortalidade e de pensamentos alusivos, principalmente para compelir-vos a refletirdes séria e profundamente antes de realizardes um ato tão importante como o da iniciação em nossos mistérios. A caverna onde estivesdes, como tudo que nos cerca, é simbólica. Os emblemas que ali existem vos levaram, certamente, a refletir sobre a instabilidade da vida humana, lição trivial sempre ensinada e sempre desprezada. Se desejais tornar-vos um verdadeiro Maçom, deveis, primeiro, extinguir as vossas paixões, os vícios e os preconceitos mundanos, que ainda possuídes, para viverdes com Virtude, Honra e Sabedoria.”

Afirma Charlier (1964: 126) que “não se trata de querer, ou pelo menos tentar, apavorar o profano, mas de lhe ensinar a renúncia e prepará-lo para uma vida mais espiritual e, portanto, mais fecunda. Ao sair desse túmulo, símbolo de putrefação, no sentido esotérico da palavra, o profano sentir-se-á devidamente preparado para futuras transmutações”.

Não há no subsolo do Capitólio americano uma Câmara de Reflexão, como alude o romance. Essas câmaras existem nas lojas maçônicas, preparatórias que são aos candidatos à iniciação.

### O Pavimento de Mosaico



*Então surgiu outra imagem. Um recinto pequeno, mal iluminado e retangular. Um vistoso piso de ladrilho quadriculado em preto e branco. Um altar de madeira baixo, ladeado por três colunas, acima das quais ardiãr velas tremeluzentes. (Pag. 416).*

#### (COMENTÁRIO)

A primeira instrução do Ritual de Aprendiz (1928: 71/72) ensina que “o Pavimento de Mosaico, com os seus losangos brancos e pretos, nos mostra que, apesar da diversidade, do antagonismo de todas as cousas que adornam a Natureza, em tudo reside a mais perfeita Harmonia. Isso nos serve de lição para que não olhemos as diversidades de cores e de raças, o antagonismo das

religiões e dos princípios que regem os diferentes povos da Humanidade, senão como uma exterioridade de manifestação, apenas; mas que, entretanto, toda a Humanidade foi creada para viver na mais perfeita Harmonia, na mais íntima Fraternidade”.

É assim o Pavimento de Mosaico um dos ornamentos da Loja que, conforme afirma Charlier (1964: 110) “é a imagem do Mundo Maçônico formado dos mais heterogêneos elementos, de toda espécie, de cores e raças diferentes, das mais diversas religiões e crenças, de todos os países, pertencentes a todos os climas, como também a todas as opiniões políticas sendo, entretanto, ligados entre si, unidos pelo mesmo cimento: tolerância e benevolência”. A palavra vem do latim medieval *mosaicum* e antigo *musivum*, que significa “artístico” ou “pertencente às musas”.

Seu formato é de um quadrilongo, termo que suscita discussão. Para uns o quadrilongo significa o retângulo 3x4. Para outros é o duplo-quadrado, já que por tradição se encontra sempre a proporção 1x2. Jules Boucher, porém, diz que “o quadrilongo é o retângulo de proporção dourada, isto é, o retângulo 1x1,618. Com efeito, é um esquema de múltiplas aplicações que se encontra não somente na Estrela Flamejante, mas ainda, está contido no Delta Luminoso, cujo ângulo no vértice é de 108°”. Concordo com Boucher, tomando em conta que o número 108 é um número sagrado por excelência, haja vista que corresponde simbolicamente ao Infinito Originário manifestado através da Totalidade da coisa existente. Sua justa composição deve ser de 108 casas de 9x12.

O simbolismo do Pavimento de Mosaico é muito eloquente. Com suas cores branca e preta representa o Bem e o Mal, a Espiritualidade e a Materialidade, a Luz e as Trevas, os seres animados e inanimados que decoram a criação, o enlace do espírito e do corpo, a dualidade das coisas, a união de todos os maçons espalhados pelo Universo.

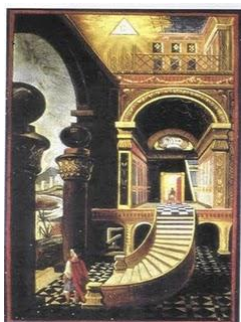
Sua origem é antiga. Entre os símbolos da religião dos sumérios, na antiga Mesopotâmia, encontrava-se o pavimento quadriculado simbolizando o dia e a noite, dada a natureza solar do seu culto. Mas é no antigo Egito que se respeitava ao máximo a santidade desse pavimento que ninguém pisava, exceto o candidato na sua iniciação e os oficiais litúrgicos no desempenho dos seus deveres.

Há templos maçônicos que fazem o piso de todo o ocidente o Pavimento, enquanto outros o reduzem a uma pequena área em frente ao Altar dos Juramentos. Embora o caminho do profano seja por cima dos ladrilhos brancos e pretos, seguindo uma via exotérica, e o caminho do iniciado seja pelas juntas longitudinais dos ladrilhos seguindo uma via esotérica, entendo que o Pavimento deve estar reduzido e somente sendo pisado pelo iniciado e pelos oficiais litúrgicos durante a iniciação. Isto porque ao se esquadrear a Loja, ou seja, ao se movimentar na Loja nenhum maçom deve pisar no Pavimento de Mosaico, mas

sim ladeá-lo, obedecendo sempre o movimento de circumambulação, ou seja, dextrocêntrico.

A circumambulação é rito maçônico provindo dos antigos mistérios egípcios e gregos. Consiste em andar fazendo volta em torno do Altar, aludindo-se a isto ao curso aparente do sol, do oriente para o ocidente, e à “dança” dos planetas. O ritual determina que durante a circulação o ombro direito esteja voltado para o Altar, de sorte que a circunvolução se mova na Loja no sentido ocidente-norte-orientesul-ocidente. Desse modo, ao se entrar no Templo o maçom vai em direção ao oriente, ao sol, passando pelo norte e deixando o ocidente, as trevas. Ao sair do Templo vai em direção ao ocidente, passando pelo sul, deixando o mundo da luz para adentrar ao mundo profano.

### A Escada em Caracol



*Quem me dera poder fazer isso, pensou Peter. Mas a escadaria não é real. Aquele era um mito puramente simbólico, pertencente às grandes alegorias da Maçonaria. A Escada em Caracol, como era conhecida, aparecia nas tábuas de delinear – painéis que simbolizam os graus maçônicos do grau 2. Ela representa a ascensão intelectual*

*do homem rumo à Verdade Divina. Assim como a Escada de Jacó, a Escada em Caracol é um símbolo do caminho para o céu... da jornada do homem em direção a Deus... do vínculo entre os remos terreno e espiritual. Seus degraus ilustram as muitas virtudes da mente. (Pag. 412).*

#### (COMENTÁRIO)

A primeira instrução do Ritual de Companheiro (1928: 38/40) diz assim: “Depois de passarem por entre essas duas colunas, nossos antigos Irmãos chegavam ao pé de uma escada em caracol, cuja ascensão lhes era obstada pelo 1º Vigilante. (...) Depois de nossos antigos Irmãos darem as provas que lhes eram exigidas pelo 1º Vigilante (...) subiam a escada em caracol, constituída por 3, 5 e 7 ou mais degraus. (...) Após haverem atingido o cimo da escada, nossos antigos Irmãos se encontravam diante da porta da Câmara do Meio, que encontravam aberta, porém, simbolicamente fechada, pelo 2º Vigilante, para todos os que estivessem abaixo do grau de Companheiro. (...) Passados para a Câmara do Meio do Templo, sua atenção era despertada por certos caracteres hebraicos que atualmente são representados, em Loja, por um triângulo equilátero, tendo no centro a letra G (Iod), que significa Deus, o Grande Geômetra do Universo, a Quem todos devemos nos submeter e a Quem devemos humildemente venerar. (...) A lenda da escada em caracol pode, também, ser considerada como alegoria, na qual um jovem, tendo

passado a sua adolescência como Aprendiz e a sua virilidade como Companheiro, tenta, ousadamente avançar e subir, apesar do caminho ser tortuoso e a subida difícil, na esperança de, pela diligência e pela perseverança, chegar à idade madura como um esclarecido Mestre”.

O Companheiro usa a escada encaracolada para ter acesso ao pavimento superior do Templo de Salomão. Esta escada é mencionada em I Reis 6, 8 quando descreve o Templo que diz: “A entrada para o andar inferior situava-se no ângulo direito do Templo e por meio de escadas em caracol subia-se ao andar intermediário e, deste, ao terceiro”. A subida para o segundo andar é flanqueada por duas colunas que são, às vezes, identificadas como a coluna de nuvem e a coluna de fogo referidas em Ex 13, 21 por ocasião da saída dos israelitas do Egito que diz: “E Iahweh ia diante deles, de dia numa coluna de nuvem, para lhes mostrar o caminho, e de noite numa coluna de fogo para os alumiar, a fim de que pudessem caminhar de dia e de noite”. Essas colunas são também chamadas de Sabedoria e Força, tendo-se o candidato como a terceira coluna chamada de Beleza ou de Equilíbrio.

A ascensão ao segundo nível significa uma introspecção, o momento de se voltar para o próprio interior. Na câmara há um símbolo da Divindade, indicando que a Divindade está no interior de cada pessoa. Nesta câmara o Companheiro recebe os seus salários: o milho, o vinho e o óleo. O milho simboliza a ressurreição, o vinho a renovação e o óleo a alegria e consagração.

### O Alfabeto Maçônico

a	b	c	d	e	f		
└┐	└┐	└┐	└┐	└┐	└┐		
g	h	i	j	k	l		
└┐	└┐	└┐	└┐	└┐	└┐		
m	n	o	p	q	r		
└┐	└┐	└┐	└┐	└┐	└┐		
s	t	u	v	w	x	y	z
∨	∨	<	<	∧	∧	>	>

*Sato correu o dedo por cima da inscrição. - Pode me dizer o significado desses ícones? Não são ícones, pensou Langdon. São símbolos. Ele havia reconhecido aquele código na mesma hora: uma linguagem cifrada do século XVII. Langdon sabia muito bem como quebrá-lo. (Pag. 170).*

*Conhecida como Cifra Maçônica, aquela linguagem codificada tinha sido usada para comunicações pessoais entre os primeiros irmãos maçons. O método de criptografia tinha sido abandonado fazia muito tempo por um motivo muito simples – era fácil demais de decifrar. (Pag. 189).*

#### (COMENTÁRIO)

Este alfabeto maçônico não é mais segredo para ninguém. Foi muito empregado em tempos idos, tendo

caído em desuso por forças das circunstâncias. Durante muito tempo, o sistema criptográfico maçônico foi utilizado em comunicações sigilosas. Hoje com a vulgarização dos métodos de construção das chaves do alfabeto maçônico, tanto o inglês como o alemão, o sistema tornou-se mais uma curiosidade, do que um expediente eficiente de garantia de inviolabilidade de informação. No entanto, ainda tem um uso restrito, sobretudo na circulação das palavras semestrais.

Este sistema de codificação, comumente conhecido como Alfabeto "Pig Pen", é geralmente atribuído ao místico e alquimista alemão Heinrich Cornelius Agrippa de Nettesheim, que nasceu em 18 de Fevereiro de 1486, na cidade de Colônia. Pig Pen é traduzido literalmente como "Porco no Chiqueiro" e deriva do fato de que cada uma das "letras" (os porcos) é colocada numa "casa" (o chiqueiro). Foi utilizado nos Séc. XVII e XVIII, sendo que hoje quando utilizado se faz mais por tradicionalismo do que como forma de assegurar a confidencialidade, já que a sua "chave" é do conhecimento público e de simples utilização.

### O Anel do Grau 33



*Ele baixou os olhos para o anel no dedo de Peter. Aquele era um dos objetos mais estimados do seu amigo – uma herança da família Solomon que trazia o símbolo da fênix de duas cabeças, o maior ícone místico do saber maçônico. O ouro cintilou sob a luz, despertando uma antiga lembrança. (Pag. 106).*

*Langdon revirou a caixa nas mãos, percebendo então que o barbante havia sido cuidadosamente preso na lateral com um lacre de cera em alto-relevo, como um édito antigo. O lacre portava uma fênix de duas cabeças com o número 33 gravado no peito – o símbolo tradicional do mais alto grau da Francomaçonomia. (Pag. 109).*

*Ainda não terminamos, percebeu Langdon, olhando para as insígnias em relevo do brasão do anel – uma fênix de duas cabeças e o número 33. Tudo é revelado no grau 33. Sua mente se encheu de pensamentos sobre Pitágoras, geometria sagrada e ângulos; e ele se perguntou se este grau não teria um significado matemático. (Pag. 311).*

#### (COMENTÁRIO)

O símbolo vermelho exibido com destaque na capa da edição brasileira do livro representa o anel do 33º

de Peter Solomon que assim é descrito: *“Sua face exhibia a imagem de uma fênix de duas cabeças, com o número 33 gravado no peito, segurando um estandarte que dizia Ordo ab Chao”*. Segundo o romancista, sua faixa tem gravado as palavras *“Tudo está revelado no 33º”*.

Na verdade, o selo do Supremo Conselho do 33º usa uma águia de duas cabeças, e não uma fênix. Ademais, nem a águia e nem a fênix aparecem no anel do grau 33. Há, pois, um equívoco quanto ao anel deste grau. No grau 33 o anel, também denominado fé, é conferido ao Soberano Grande Inspetor Geral como sinal dos compromissos assumidos com a Ordem e de sua autoridade como governante desta, sendo, portanto, insígnia privativa.

Esta joia é uma aliança de ouro contendo três fios presos no mesmo plano horizontal, um ao outro, à semelhança de três alianças soldadas uma ao lado da outra, com o número 33 no centro de um triângulo com o vértice para cima. Internamente, devem estar gravados o nome do maçom e a divisa *“Deus Meumque Jus”*.

Pelo antigo cerimonial, o Soberano Grande Comendador após introduzi-lo no quarto dedo da mão esquerda do recipiendário, assim se expressava: *“Com este anel, eu vos consorcio à Ordem, ao vosso País e ao vosso Deus, e vos recebo e reconheço por Soberano Grande Inspetor Geral do 33º e Último Grau. Que ele vos recorde sempre as solenes obrigações que vós haveis contraído para com a Ordem. Jurai-me de não deixar jamais este anel, senão quando estejais próximo à morte, devendo dar à vossa esposa, vosso filho ou ao mais caro de vossos amigos, como um depósito sagrado e sob a promessa de só ser deixado esse penhor, da mesma maneira”*.

Pela liturgia moderna, o cerimonial sofreu profundas alterações em quase todos os países, inclusive com a supressão no ritual da outorga do anel. Mesmo assim, ele permanece como penhor da aliança contraída para com a Ordem como verdadeiro sinal de autoridade assegurada pelas Constituições de 1786.

O anel tem, em todas as épocas, desempenhado papel importantíssimo e nem sempre foi objeto de puro adorno. Seu uso se verificava tanto para fechar carta e selar tudo o que se queria ter reservado, quanto para dar fé a documento e, particularmente, a testamentos, cuja validade se provava por justaposição do selo ou do timbre. Os romanos tinham três classes de anéis: o *“annuli sponsalii”*, que serviam para os esponsais; o *“annuli honorarii”*, que serviam de distintivo honorífico entre as diversas ordens e categorias do Estado; e o *“annuli signatorii”*, que serviam para selar as cartas.

O costume de usar anéis vem dos tempos primitivos. Sabe-se que o rei Dario, da Babilônia, usou o seu anel e os dos grandes de sua corte para selar a pedra que havia mandado colocar na entrada da cova dos leões, onde fizera encerrar a Daniel (Dn 6, 16). Jezabel, esposa de Acab, serviu-se do anel deste para selar a carta que escreveu em seu nome, mandando que se acusasse e desse morte a Nabot (1Rs 21, 8). Judá, filho de Jacó, em



garantia de suas palavras entrega a Tamar o seu anel (Gn 38, 18). Querendo o faraó elevar José a dignidade de governador do Egito, retira o anel de seu dedo e o coloca no de José (Gn 41, 42).

O anel simboliza a majestade, o poder, a vida espiritual, a aliança entre a vontade humana e a divina, de acordo com os costumes dos povos e o simbolismo das religiões. No simbolismo maçônico, este representa o sinal do pacto firmado pelo adepto e também o poder do governo da Ordem.

## A Palavra Perdida



*Meu Deus, ele está procurando o verbum significatium... a Palavra Perdida. Langdon deixou esse pensamento tomar forma, lembrando trechos da palestra de Peter. O que ele está procurando é a Palavra Perdida!*

*É isso que ele acredita estar enterrado aqui em Washington. (Pag. 402).*

*Enquanto o grupo passava com cuidado pelos destroços da porta de aço, atravessando o quadro giratório na sala de estar, Langdon explicou para Sato que a Palavra Perdida era um dos símbolos mais longevos da Francomaçonomia – uma única palavra escrita na linguagem misteriosa que o homem não era mais capaz de decifrar. (Pag. 406).*

*- Você acha que a Palavra Perdida está enterrada na “pedra angular” do Monumento a Washington? – Acho, não, Robert. Eu sei. A Palavra Perdida foi enterrada na pedra angular deste monumento no dia 4 de julho de 1848, durante um ritual maçônico. (Pag. 406).*

*A escadaria. A lenda maçônica fala de uma escada que desce dezenas de metros até um lugar secreto onde a Palavra Perdida está enterrada. (Pag. 410).*

*A Palavra Perdida não é uma metáfora... é real. Está escrita em uma linguagem antiga... e passou muitos séculos escondida. Ela é capaz de conferir um poder inimaginável a qualquer pessoa que compreenda seu verdadeiro significado. A Palavra permanece oculta até hoje. (Pag. 413).*

*A Palavra Perdida não é uma palavra... é um símbolo. (Pag. 440).*

### (COMENTÁRIO)

Ainda hoje a Maçonaria busca a “Palavra Perdida”, proferida pelo primeiro mestre que encontrou o corpo de Hiram Abiff, enterrado nas montanhas, com um ramo de acácia a cobrir. Segundo a Lenda de Hiram essa palavra seria o novo código de Mestre, pois assim fora combinado entre os mestres operários na construção do Templo de Salomão, depois do seu Arquiteto haver sido

assassinado pelos três maus companheiros por se ter recusado a revelar-lhes a palavra secreta do grau de Mestre.

O Ritual de Mestre (1928: 42) nas instruções diz que os mestres procuram a Palavra Perdida que é a chave do segredo maçônico, ou melhor, é a compreensão daquilo que permanece ininteligível e incompreensível aos profanos e aos iniciados imperfeitos. A Palavra se perdeu pelos três grandes golpes que sofreu a Tradição viva da Maçonaria, dos Companheiros indignos e perversos.

Jorge Adoum (1972: 17/18) ao tratar do significado da Lenda de Hiram escreve: “A Palavra Sagrada e Perdida com a morte simbólica de Hiram Abiff, não a possuíam nem Salomão e nem Hiram, o Rei de Tiro. Temos afirmado que a palavra do primeiro grau é Fé, a do segundo é Esperança e a do terceiro deve ser Caridade ou Amor.

Os dois primeiros mestres que simbolizam a Fé e a Esperança, não puderam encontrar o cadáver do Mestre; somente o terceiro, que é o Amor, pôde achá-lo. Estas duas primeiras faculdades seriam sem poder, sem o impulso da terceira, que é a Caridade, que sozinha, pode realizar milagres.

Devemos vencer todo egoísmo, para podermos empregar a força onipotente do Amor. O Amor nunca pode conviver com o egoísmo, porque este trata sempre de matar em nós outros a Fé e a Esperança.

Somente o Amor nos pode ressuscitar da morte para a verdadeira vida. Somente esta faculdade nos pode regenerar, quando nos encontramos livres do egoísmo. Então, a Palavra Sagrada é a essência da Fé, da Esperança e do Amor.”

O Ritual do Grau 14 (1986: 37) assim se expressa: “Diz a nossa lenda que, desde a época que Jubulum, Joabert e Stolkin, por concessão divina, acharam o Santo Nome gravado no nono Arco, debaixo da terra em que Enoch o escondera, sob o santuário do Templo, que ele erguera no Monte Haceldema, perto do Monte Sião e ao sul do Vale de Josaphat, e levaram essa notícia a Salomão. Este, em recompensa, criou, para eles, o Grau de Grande Eleito e Perfeito Maçom. (...) Quando Jerusalém foi tomada e destruída por Nabuzardan, General de Nabucodonosor, Rei da Babilônia, os Grandes Eleitos foram os últimos defensores do Templo. Penetraram na Abóbada Sagrada e destruíram a Palavra Misteriosa, que nela se conservara por 470 anos, 6 meses e 10 dias, desde a edificação do Templo. A Pedra Cúbica foi quebrada; derrubado o pedestal, tudo foi enterrado em um buraco com 27 pés de profundidade, por eles cavado. Retiraram-se, depois, decididos a só confiar à memória o Grande Nome e a só transmiti-la à posteridade por meio da tradição. Daí, vem o costume de o soletrar, letra por letra, sem pronunciar uma única sílaba. Por essa circunstância, perdeu-se o hábito de escrevê-lo e de pronunciá-lo. Há incerteza das letras que o compõem. A verdadeira pronúncia só foi conhecida dos Perfeitos e Sublimes Maçons”.

Acredita-se que a Palavra Primitiva que esses conjurados companheiros tentaram arrancar de Hiram Abiff correspondia ao Tetragrama Sagrado, cuja pronúncia só era conhecida do Grande Sacerdote de Jerusalém.

A Lenda de Enoch fala que a Palavra Perdida se encontrava debaixo do nono arco, sob a abóbada sagrada subterrânea cavada na rocha abaixo do Sanctus Sanctorum do Templo de Salomão. Eis a Lenda transcrita pelo Ritual (1986: 101/103): “Enoch, personagem bíblico que, segundo a tradição viveu no ano 3.740 antes da Era Vulgar, e cujo nome significa, em hebraico “o que muito viu, o que muito sabe”, também é conhecido dos muçulmanos com o nome de Adris, que significa “sábio”. As profecias e maravilhosos relatos de Enoch, que o povo acreditava cegamente, assim como seus devaneios e venturosos sonhos estão registrados na Bíblia, em livro que leva seu nome. Durante um desses sonhos, conheceu o verdadeiro nome de Deus, que lhe foi proibido pronunciar, e em outro sonho, foi-lhe mostrado o cataclismo que em breve assolaria a humanidade, com o nome de dilúvio.

Enoch então decidiu preservar da catástrofe o verdadeiro nome de Deus, fazendo-o gravar em uma pedra triangular – ágata – certos caracteres que lhe foram apresentados. Nada se conhecia antes sobre a pronúncia daquele nome, a não ser ele, Enoch, por tê-lo ouvido do próprio Deus, que o traçou em hieróglifos misteriosos. Fez Enoch gravar em duas colunas, sendo uma de mármore e outra de bronze, os princípios que se baseavam as ciências e as artes da época, a fim de que também passasse para a posteridade.

Após, fez Enoch construir um Templo debaixo da terra, consistindo em nove abóbadas, sustentadas por nove arcos, depositando na mais profunda, o Delta, e na entrada da primeira, duas colunas, fechando a entrada com uma grande pedra quadrangular, provida de possante argola de ferro no seu centro, para que pudesse ser removida. Advindo o dilúvio, todos os habitantes da terra sucumbiram, exceto Noé e sua família que constituíam a espécie humana. Das colunas gravadas por Enoch, apenas a de bronze chegou à posteridade, pois a de mármore foi destruída pelas águas.

Nenhum ser humano podia pronunciar o nome verdadeiro de Deus, antes que fosse revelado a Moisés, no Monte Sinai. O Legislador do povo hebreu mandou fazer uma grande medalha de ouro, gravada com o nome inefável, colocando-a na Arca da Aliança, tendo antes o cuidado de revelar seu significado ao seu irmão Aaron. Em uma batalha contra o Rei da Síria, em que caíram feridos os que a guardavam, perdeu-se a Arca, ficando abandonada na selva. Entretanto, ninguém podia se aproximar dela sem que um Leão, que guardava sua chave, o atacasse e o destroçasse.

Mas numa oportunidade em que o Grande Sacerdote dos Levitas, acompanhado de seu povo, se dirigiu ao local onde estava a Arca, com o propósito de reavê-la, notaram que a fera vinha ao seu encontro, mansamente, entregando-lhe a chave, permitindo que a

Arca fosse dali removida. Este leão significa, para nós, o emblema do pensamento, que se rebela contra a força, porém, permite a entrada da verdade. A divisa de nosso Grau “In Ore Leonis Verbum Inveni” quer dizer – “Achei a Palavra na Boca do Leão”, o que indica que devemos proclamar a verdade e mantê-la como principal qualidade de um povo civilizado.

Na época de Samuel, se apoderaram da Arca os filisteus, fundiram a medalha de ouro, construindo com ela um ídolo para adoração dos pagãos. Ficou novamente perdido o nome de Deus, para todos, exceto para os Reis de Israel, que tradicionalmente o pronunciavam e sabiam o depósito sagrado feito por Enoch, ainda que desconhecessem o lugar onde o Delta estava oculto.

Transcorreram os anos. Daví, Rei de Israel, concebeu o projeto da construção do Templo de Jerusalém, e seu filho Salomão o executou. Antes, porém, de consagrar o Templo e à glória do Grande Arquiteto do Universo, quis fazer um esforço supremo para localizar o triângulo escondido por Enoch. Com tal objetivo, escolheu três Mestres de sua maior confiança, cujo valor e perseverança haviam demonstrado em muitas outras ocasiões, incumbindo-os de pesquisarem a respeito.

Chamavam-se esses três Mestres Eleitos, Adoniram, Stolkin e Johaben, os quais, após penosas viagens e grandes estudos, lograram descobrir a Abóbada em que o Sagrado Delta estava guardado. Desde então conhecemos a representação gráfica inscrita, representando o nome verdadeiro do Grande Arquiteto do Universo. Porém, não sabemos pronunciá-lo, porque as águas do dilúvio destruiu a coluna de mármore em que Enoch gravara o código para decifração daquele Nome Inefável, e como devia ser pronunciado por lábios humanos”.

A Palavra Perdida é um símbolo e pode ser interpretado de diversos modos: como uma palavra sagrada, como um princípio, como um segredo. Ocupa no romance de Brown o ponto central do enredo.

## O SÍMBOLO PERDIDO

*“Uma imagem é superior a mil palavras, e um símbolo a mil imagens”.* Ditado Popular Chinês  
O Símbolo Perdido é uma obra de ficção e diz ser este a Bíblia Maçônica que foi depositada na pedra angular do Monumento a Washington em 4 de julho de 1848. A Bíblia Maçônica combina o Velho e o Novo Testamento, juntamente com os fatos sobre a Maçonaria que remonta suas origens ao Templo de Salomão.

A Maçonaria é a depositária dos Antigos Mistérios que se confrontam com os Mistérios Bíblicos. *“A Bíblia e os Antigos Mistérios são opostos completos. Os mistérios falam do deus dentro de nós... do homem como deus. A Bíblia fala do Deus acima de nós... e nela o homem é um pecador impotente”.* (Pag. 471), diz Langdon a Peter.

Ao que retrucou Peter: “*Nós perdemos a Palavra, mas seu verdadeiro significado continua a nosso alcance, bem diante de nossos olhos. Ele existe em todos os textos duradouros, da Bíblia ao Bhagavad Gita, passando pelo Alcorão e muitos outros. Todos esses textos são reverenciados nos altares da Francomaçonnaria porque os maçons entendem o que o mundo parece ter esquecido... que cada uma dessas obras, à sua maneira, está sussurrando baixinho exatamente a mesma mensagem*”. (Pag. 472).

As páginas finais do romance tentam juntar tudo: os Antigos Mistérios, a Bíblia, o Alcorão, o Bhagavad Gita, a Pistis Sophia e demais livros sagrados de todas as religiões, todos unidos no circumponto. Langdon “*na escuridão de sua mente, se surpreendeu pensando na consciência universal... nos escritos de Platão sobre “a mente do mundo” e o “deus da união”... no “inconsciente coletivo” de Jung (...). Deus está na união de Muitos... e não em Um só. (...)*

Elohim – falou Langdon de repente. A palavra hebraica usada no Antigo Testamento para se referir a Deus. A palavra está no plural. Langdon nunca tinha entendido por que os primeiros trechos da Bíblia se referiam a Deus como um ser plural. Elohim. O Deus Todo-Poderoso do Gênesis era descrito não como Um... mas como Muitos. Deus é plural – sussurrou Katherine – porque as mentes dos homens são plurais. E Pluribus Unum. De muitos, um só”. (Pag. 485).

O Símbolo Perdido é mais uma tentativa de através da história e seguindo os passos dos antigos e dos homens sábios, reconciliar a ciência e a religião na mente, reunindo ao mesmo tempo a mente e a alma para encontrar a união. “*Enquanto o sol nascia sobre Washington, Langdon olhou para o céu, onde o último resquício das estrelas da noite se apagava. Pensou na ciência, na fé, no homem. Pensou em como todas as culturas, de todos os países, em todos os tempos, sempre haviam compartilhado uma coisa. Nós todos temos um Criador. Usamos nomes diferentes, rostos diferentes e preces diferentes, mas Deus é a constante universal do homem. Ele é o símbolo que todos compartilhamos... o símbolo de todos os mistérios da vida que não somos capazes de compreender. Os antigos louvavam a Deus como símbolo de nosso potencial humano ilimitado, porém esse símbolo antigo tinha se perdido com o tempo. Até Agora*”. (Pags. 488/489).

As Constituições de James Anderson de 1723, que é a Carta Magna da Maçonaria Moderna, ao referir-se a Deus e à Religião assim dispõe: “Um maçom é obrigado a obedecer à lei moral; e se ele bem entender da arte, jamais será um estúpido ateu nem um libertino irreligioso. Posto que nos tempos antigos os maçons tivessem a obrigação de seguir a religião do próprio país ou nação, qualquer que ela fosse, presentemente julgou-se mais conveniente obrigá-los a praticar a religião em que todos os homens estão de acordo, deixando-lhes plena liberdade às convicções particulares. Essa religião consiste em serem bons, sinceros, honrados, de modo que possam ser

diferenciados dos outros. Por esse motivo, a Maçonaria é considerada como o CENTRO DE UNIÃO e faculta os meios de se estabelecer leal amizade entre pessoas que sem ela, não se conheceriam”.

Dan Brown repassa a ideia de que o Símbolo Perdido é a Bíblia que se acha depositada no Monumento a Washington. Esta, porém, não é exatamente a Palavra Perdida, mas o símbolo desta Palavra. Esta Palavra está, todavia, em todos os códigos de moral e de religião. O Símbolo Perdido é a Palavra Perdida, o Logos Divino, inscrito na Bíblia e em outros escritos sagrados.

A procura de “aquilo que se perdeu”, isto é, a Palavra Perdida, realmente começou, num sentido bíblico, quando Adão caiu em desgraça e legou à Humanidade esta procura perpétua. Cada religião tem seus caminhos, suas formas de busca, mas o objeto buscado é comum a todas elas. Como elas não se entendem, a Maçonaria tornou-se a “religião em que todos os homens estão de acordo” e transformou-se nesse Centro de União em quem todos convivem guardando o respeito a cada um com suas próprias convicções religiosas e filosóficas.

Nos altares maçônicos religião e ciência dão-se às mãos. Estas largas e longas veredas que na Antiguidade se encontravam nos templos, encontram na Maçonaria o templo de sua reunião. O divino e o profano, a religião e a ciência, têm um denominador comum: Deus. Somente o Amor é capaz de unir, portanto, o Símbolo Perdido ou a Palavra Perdida é Amor. Deus é Amor.

## BIBLIOGRAFIA

ADOUM, Jorge. Grau do Mestre Maçom e seus Mistérios. São Paulo: Editora Pensamento. 1972.

ALBERTON, Valério. O Conceito de Deus na Maçonaria. Rio de Janeiro: Editora Aurora. 1982.

BASTOS, Octaviano de Menezes. Pequena Enciclopédia Maçônica. São Paulo: Editora O Malhete. 1952.

BAYARD, Jean-Pierra. A Espiritualidade da Maçonaria: da Ordem Iniciática Tradicional às Obediências. São Paulo: Madras. 2004.

BEYER, Thomas R. A Filosofia de O Símbolo Perdido: Guia das Curiosidades. São Paulo: Lua de Papel. 2010.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus. 2004.

BROWN, Dan. O Símbolo Perdido. Rio de Janeiro: Sextante. 2009.

CARR, Harry. O Ofício do Maçom: o Guia definitivo para o Trabalho Maçônico. São Paulo: Madras. 2007.

- CASTELLANI, José e Rodrigues, Raimundo. Análise da Constituição de Anderson. Londrina: Editora A Trolha. 1995.
- \_\_\_\_\_. Ritual do Grau 33: Grande Inspetor Geral. Rio de Janeiro. 1989
- CHARLIER, Rene Joseph. Pequeno Ensaio de Simbólica Maçônica. São Paulo: Edições Futuro. 1964.
- DUCHANE, Sangeet. O Pequeno Livro da Francomaçonnaria. São Paulo: Pensamento. 2006.
- GRANDE LOJA MAÇÔNICA DO ESTADO DA PARAÍBA. Ritual de Aprendiz. Rio de Janeiro: Delta. 1928.
- \_\_\_\_\_. Ritual de Companheiro. Rio de Janeiro: Delta. 1928.
- \_\_\_\_\_. Ritual de Mestre. Rio de Janeiro: Delta. 1928.
- GUERRA, Manuel. La Trama Masónica. Barcelona: Styria. 2006.
- KINNEY, Jay. O Mito Maçônico. Rio de Janeiro: Record. 2010.
- LORENZ, Francisco Valdomiro. Noções Elementares de Cabala. A Tradição Esotérica do Ocidente. São Paulo: Editora O Pensamento. 1946.
- OVASIN, David. A Cidade Secreta da Maçonaria. São Paulo: Planeta. 2007.
- PINTO, Moacir José Outeiro. Convite aos Mistérios Maçônicos. Uma insólita viagem ao Símbolo Perdido. Cuiabá: KCM Editora. 2010.
- SCHNOBELEN, William. Do outro lado da luz. São José dos Campos: CLC Editora. 1995.
- SHUGARTS, David A. Os Segredos do Filho da Viúva: os mistérios que envolvem a continuação de O Código da Vinci. São Paulo: Planeta. 2006.
- SOBRINHO, Octacílio Schüler. Maçonaria: Introdução aos Fundamentos Filosóficos. Florianópolis: Letras Contemporâneas. 2000.
- SOUSA, Ailton Elisiário de. Comentários das Constituições de 1786. Londrina: A Trolha. 1994.
- \_\_\_\_\_. Maçonaria Hiramita. Londrina: A Trolha. 2000.
- SUPREMO CONSELHO DO GRAU 33 DO REAA DA MAÇONARIA PARA A REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. Ritual do Grau 14: Perfeito e Sublime Maçom. Rio de Janeiro. 1986.